



# Poemas

Poema No Meio do Caminho (1928), de Carlos  
Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra no meio do  
caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de  
minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei  
que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma  
pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha  
uma pedra.

Vou-me embora pra Pasárgada (1930), de Manuel  
Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei Lá  
tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada Vou-me embora pra  
Pasárgada Aqui eu não sou feliz Lá a existência é uma  
aventura De tal modo inconstante Que Joana a  
Louca de Espanha Rainha e falsa demente Vem a ser  
contraparente Da nora que nunca tive E como farei  
ginástica Andarei de bicicleta Montarei em burro  
brabo Subirei no pau-de-sebo Tomarei banhos de mar!  
E quando estiver cansado Deito na beira do rio Mando  
chamar a mãe - d'água. Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada Em Pasárgada tem  
tudo É outra civilização Tem um processo seguro De  
impedir a concepção Tem telefone automático Tem  
alcalóide à vontade Tem prostitutas bonitas Para a  
gente namorar E quando eu estiver mais triste Mas  
triste de não ter jeito Quando de noite me der Vontade  
de me matar - Lá sou amigo do rei - Terei a mulher  
que eu quero Na cama que escolherei Vou-me embora  
pra Pasárgada.

## Poema sujo (1976), de Ferreira Gullar

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em  
São Luís do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz  
de febre entre irmãos e pais dentro de um enigma?  
mas que importa um nome debaixo deste teto de  
telhas encardidas vigas à mostra entre cadeiras e  
mesa entre uma cristaleira e um armário diante de  
garfos e facas e pratos de louças que se quebraram já  
um prato de louça ordinária não dura tanto e as facas  
se perdem e os garfos se perdem pela vida caem pelas  
falhas do assoalho e vão conviver com ratos e baratas  
ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de  
erva-cidreira

## Saber viver (1965), de Cora Coralina

Não sei... se a vida é curta ou longa demais para nós. Mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo: é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira e pura... enquanto durar.

## Dona doida (1991), de Adélia Prado

Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso com trovoadas e clarões, exatamente como chove agora. Quando se pôde abrir as janelas, as poças tremiam com os últimos pingos. Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema, decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos. Fui buscar os chuchus e estou voltando agora, trinta anos depois. Não encontrei minha mãe. A mulher que me abriu a porta riu de dona tão velha, com sombrinha infantil e coxas à mostra. Meus filhos me repudiaram envergonhados, meu marido ficou triste até a morte, eu fiquei doida no encalço. Só melhoro quando chove.